

IMPrensa, POBREZA E POESIA

Press, poverty and poetry

Prensa, pobreza y poesía

Gustavo de Castro

Poeta, jornalista, editor e professor de Estética na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Coordenador do Com Versações = Núcleo de Estudos e Pesquisas em Comunicações Poéticas. Coordenador da linha Imagem e Som do PPG/FAC/UnB. Autor de Comunicação e Transcendência (2013).

E-mail: gustavodecastro@unb.br.

RESUMO

A pobreza para a poeta Orides Fontela (1940-1998) era tema de reflexão de suas entrevistas e cartas. Advinda de uma família simples do interior de São Paulo, Orides criticou, em diversas entrevistas que concedeu à imprensa, a forma de tratamento desleal ofertada ao poeta na cultura e na mídia. Nas entrevistas aqui tratadas, mostra que o “estigma” da condição de pobre não diminui a condição do intelectual nem a força poética de seus versos.

Palavras-chave: Imprensa, pobreza, Filosofia, Orides Fontela.

ABSTRACT

Poverty to the poet Orides Fontela (1940-1998) was the theme of reflections in his interviews and letters. Came from a very simple family from São Paulo's country, Orides criticized, in many interviews he gave to the press, the disloyal treatment offered to the poet in the culture and the medias. In interviews here studied, he shows that the “stigma” of the pover's condition doesn't diminish the intellectual condition nor the poetic force of his verses.

Keywords: Press; poverty; philosophy; Orides Fontela.

RESUMEN

La pobreza para a poeta Orides Fontela (1940-1998) era tema de reflexión de sus entrevistas y cartas. Advinda de una familia simple del interior de São Paulo, Orides criticó, en diversas entrevistas que concedió a la prensa, la forma de tratamiento desleal ofertada al poeta en la cultura y en la mídia. En las entrevistas aquí tratadas, muestra que lo “estigma” de la condición de pobre no disminuye la condición del intelectual ni la fuerza poética de sus versos.

Palabras clave: Prensa, pobreza, Filosofia, Orides Fontela.

Orides de Lourdes Teixeira Fontela (1940-1998) gostava de dizer que era “a poeta mais pobre do Brasil” (Fontela *apud* Massi, 1989). Gostava também de se comparar ao poeta Cruz e Souza (1861-1898) que, como ela, sentiu na pele as consequências da miséria e do desamparo. Cruz e Souza ficara louco depois que os quatro filhos vieram a morrer de tuberculose. Após sua morte, ele foi transportado de Minas Gerais para o Rio de Janeiro em um vagão de trem destinado aos cavalos, seu corpo viajou sobre a alfafa e o esterco. Cruz e Souza sabia francês, latim e grego, mas nem isto o livrou da miséria. Faleceu de tuberculose em 1898.

Exatos cem anos depois, Orides viajaria em uma Kombi do Hospital do Mandaqui, na zona norte de São Paulo, para a Fundação Hospitalar de Campos do Jordão, clínica pública de tratamento da tuberculose, onde morreria a 2 de novembro de 1998, dia de finados. Dois anos antes, no mês de outubro, ela foi procurada pela jornalista Marilena Felinto, na época *free lancer* da revista *Marie Claire*. Orides lançava o livro *Teia* (Geração Editorial). Em vários momentos do texto que abre a entrevista, Marilene Felinto destaca o lado folclórico da poeta. Citamos aqui alguns trechos:

Orides Fontela, uma das grandes poetisas brasileiras vivas, é uma estrela ao contrário — ela ofusca o próprio brilho” (...) “Nada em Orides lembra o equilíbrio, a beleza e a elegância da poesia que escreve. Se o cotidiano de ninguém combina com poesia, o de Orides combina menos ainda”(…) “filha única — a mãe era dona de casa e o pai não tinha profissão definida — sem herança nem parente, ela vive à beira da mendicância. Mora de favor na Casa do Estudante de São Paulo” (...) “Este ano, por ocasião do seu novo livro de poemas, *Teia* (Geração Editorial), Orides foi à público pedir um emprego. Esteve na televisão, em jornais e revistas. Como ela mesmo diz, interessa-lhe transformar ‘verbo em verba’”(…) “Orides conversou com Marie Claire numa sala da Geração Editorial em Perdizes, São Paulo”(…) “Por volta dos 35 anos, desistiu de encontrar o amor e foi procurar refúgio na bebida, no zen-budismo e na umbanda”(…) “Sua chegada à editora foi precedida de certa expectativa. Tem-se a expectativa de ela aparecer embriagada ou dominada por um estado de espírito que inviabilizasse a conversa”(…) “Quase desvalida, tensa e pobre, ela tem, no entanto, uma estranha arrogância, resultante talvez de uma mistura de carência com genialidade. (Felinto, 1996, p. 29)

Ao ler a introdução da entrevista, Orides procurou Silvio Rodrigues, seu advogado e amigo, e pediu para que ele enviasse à revista e à jornalista uma carta-resposta que havia redigido em sua máquina *Olivetti Studio 45*. Encontramos a carta nos arquivos pessoais de seu advogado e a mesma permaneceu inédita até esta data. A carta está assinada a 12 de setembro de 1996. Escreve Orides:

Senhores e Senhoras

Venho pela presente, proceder alguns adendos à entrevista publicada na edição de setembro de 1996. A parte da entrevista saiu certa e meu pensamento foi respeitado. Pena é que a introdução não respeitou minha pessoa. Explico:

- a) um erro: meu pai era operário, e jamais sem profissão.
- b) Vocês repetiram o papo maldosíssimo da *Veja* do ano passado, usando termos como ‘miserável’ (ou quase), bêbada, briguenta e — novidade — arrogante. Esta é uma revista feminina, deveriam ao menos respeitar outra mulher.
- c) Miserável? Não, só funcionária pública aposentada. Todos os colegas — todos os pobres do Brasil estão no mesmo saco. Só que pobreza parece crime hediondo em alguém que se destacou — justissimamente — na literatura. Nossas assim ditas elites não perdoam.
- d) Bêbada? Jamais. E eu jamais chegaria bêbada numa entrevista. Sou pessoa responsável, e só a hipótese foi altamente ofensiva. Se Marilena Felinto pensou por culpa da “*Veja*”, deveria só pensar.
- e) Briguenta? Ora, só defendendo minha dignidade, minha liberdade, meus direitos humanos. Só rompo com quem os ofende.
- f) Arrogante: a estranha arrogância; que história é essa? O que tenho é legítimo orgulho de minha obra. Apenas. Mas orgulho em ser pobre vira arrogância, ou insolência.

Tai a explicação. Para compensar tais coisas — frutos de um preconceito básico contra os pobres — vocês me atribuíram genialidade. Nossa! Jamais me arroguei a tanto...

Carência, sim, carência econômica, isso tenho.

Não estou desorientada, estou desarmada por falta de grana, mas sou totalmente lúcida e sei o que quero, perfeitamente. Não sei se foi a Marilene Felinto que escreveu a infeliz introdução, nem

quero brigar com ela, nunca. Mas, pelo amor de Deus, em vez de tudo isso, por que não me ajudam mesmo, por que admiram a poesia e desamparam a pessoa? É um só corpo, pô! Não quero piedade por ser pobre, quero algo para fazer e ganhar mais dinheiro, é só. Mas dinheiro é que ninguém solta, né? Não espero que publiquem a carta toda, mas é de justiça, que corrijam os erros, que não foram mal intencionados, a má intenção foi só da Veja.

Sem mais, um abraço e obrigadíssima pela fidelidade na entrevista.

Orides Fontela

Ao longo de sua vida, Orides havia passado muitos períodos economicamente difíceis. Ela havia enfrentado, entre 1980 a 1993, quatro moedas, cinco congelamentos de preços, nove planos de estabilização, onze índices de medir a inflação, dezesseis políticas salariais diferentes, vinte propostas para pagar a dívida externa e cinquenta mudanças na política de preços. Orides se equilibrava como podia nas finanças com sua aposentadoria de dois salários mínimos. Em janeiro de 1993 o salário mínimo valia, em cruzeiros, 1.250.700,00. Em julho, já estava a 4.639.800,00. Ninguém dava conta da escalada de preços. Para alguém como ela que não gostava nem sabia administrar suas economias, a situação era ainda pior. O que ela mostra e destrincha na resposta indignada à revista é que *pobreza parece crime*. A condição de pobre no Brasil é a de um estigmatizado: *orgulho em pobre vira arrogância, ou insolência*. Antes disso, questiona: *Miserável? Não, só funcionária pública aposentada. Todos os colegas – todos os pobres do Brasil estão no mesmo saco. (...) Nossas assim ditas elites não perdoam*.

Entre as “ditas elites” está certamente a imprensa que, neste caso, tratou Orides como personalidade da mídia, e não conseguiu manter distanciamento crítico ou afetivo entre a obra (livro *Teia* lançado à época da entrevista) e a pessoa. A poeta, que se dizia “selvagem” e atormentada por sua condição sócio-econômica virou “caso clínico”: “embriagada”, “tensa”, “estranha” são os adjetivos que Marilene Felinto utiliza. A resposta da poeta à revista *Marie Claire* ocorreu meses depois de outra entrevista, concedida ao repórter Jotabê Medeiros, de *O Estado de S. Paulo*, em que ela decide assumir o ‘destino’ de poeta pobre. Perguntada

sobre sua condição de “poeta marginal”, responde:

A minha marginalidade é ser pobre e mulher. Sou marginal de luxo. Dá pra imaginar isso? Agora vou assumir isso, a pobreza. Mudei de idéia, agora vou assumir. Não posso mudar o meu destino. Estou com 56 anos. Vou morrer pobre; então, podem saber. A poesia e a pobreza foi o que a mim me coube. É tudo o que me restou. Só que não quero legar a ninguém a pobreza. Esse é meu orgulho. (FONTELA apud MEDEIROS, 1996, p.4)

Este trecho da entrevista insinua que a poeta nunca havia pensando em “assumir a pobreza” publicamente, fora ensinada desde pequena a lutar para mudar sua condição, já que nascera em uma família paupérrima (era filha de pais semi-analfabetos e operários), mas, segundo ela, agora, havia mudado de ideia, *não poderia mudar o meu destino*, por isso pretendia assumir a pobreza. *A poesia e a pobreza foi o que a mim me coube*. Suas opiniões sobre a pobreza adensam-se na época da graduação em Filosofia (1968-1972) pela Universidade de São Paulo (USP), por um lado, devido à leitura de Karl Marx, por outro, com a leitura de Diógenes de Sínope.

A mudança de São João da Boa Vista, cidade simples e pacata do nordeste do Estado de São Paulo, para a capital, é um choque em muitos aspectos. A partir de 1968, ela se torna amiga íntima de Olgária Matos que, estudante como ela, cursa um ano à sua frente, a graduação de Filosofia. Na época, a casa de Olgária, no Butantã, era um reduto de liberdade, onde convergiam casais para reuniões íntimas e bate-papos sobre a situação política do país. Era comum Orides ouvir e contribuir na conversação com as reflexões sobre a questão social do país e as teses marxistas. Ela ia sempre sozinha a esses encontros. Nos encontros, segundo Olgária, tinha opiniões arreadas e bem humoradas em vários assuntos. Uma coisa era o discurso marxista e intelectualizado sobre a pobreza, outro era a experiência proletária, que nenhum daqueles participantes, invariavelmente, um público chic, engajado, poliglota e rico¹, não fazia a mínima ideia do que fosse na prática. Desajeitada e pouco engajada, a poeta vivia situações desconfortáveis em que divergia dos participantes.

A carta-resposta de Orides à Marilene Felinto/*Marie*

¹ Entrevista realizada com a Profa. Olgária Matos, em São Paulo, a 3 de Novembro de 2011.

Claire revela também a autoconsciência de sua condição social. A revista *Veja*, como ela assinala na resposta, já havia cometido o mesmo “papo maldossíssimo” um ano antes². A poeta nos mostra que, mais do que a vivência das dificuldades financeiras, ela possuía uma reflexão sobre seu estado proletário e não o romantizava. O estado de auto-reflexão sobre a situação condizia com a noção de “auto-suficiência” ou *autarkéia* (autarquia) na sua formação. Licenciada em Filosofia pela USP, em 1972, fora colega de classe de filósofos hoje consagrados como Luis Fernando Batista Franklin de Matos e Scarlet Marton, além de poetas (e professores) como Alcides Vilaça e José Miguel Wisnik, e ali, na graduação, fez a primeira grande ilação entre pensamento filosófico e pobreza quando, em 1969, cursa História da Filosofia. O tema reaparece no início de 1970, quando ela se inscreve em Filosofia Geral e em História da Filosofia II, com a professora recém chegada da França, que preparava o seu doutoramento em Spinoza: era Marilena de Souza Chauí, aos 29 anos. Orídes na época estava com 30. Orídes e Chauí se entenderam e se aproximaram. No primeiro semestre de 1971, Orídes viraria sua monitora em História da Filosofia. Nas aulas de Chauí, a poeta ouviu falar a primeira vez em Diógenes de Sínope (404 - 323 a. C.) e se emocionou com as ideias do filósofo mais pobre da história da filosofia. Os relatos históricos, sobretudo o de seu biógrafo, Diógenes Laércio, que o conheceu, revelam que o filósofo de Sínope vivia em um barril, tonel, cisterna ou tubulação de onde escoava a água da chuva. Diógenes de Sínope vivia como um mendigo; fazia suas necessidades físicas em público; conversava com estátuas e tinha a pobreza extrema como virtude. Às vezes, durante o dia, carregava pela cidade uma lamparina, alegando estar procurando um homem justo. Diógenes afirmava: *Habere ut non*: “ter como se não se tivesse”. O kínico³ grego sacrificava sua identidade

social e renunciava ao conforto psíquico da pertença a um grupo político, para salvar a sua identidade existencial e cósmica. Quando perguntaram a Diógenes qual era sua pátria, respondia: ‘Sou cidadão do mundo’ (Diógenes Laércio, VI, p. 63).

Quando ouviu falar de Diógenes, Orídes ainda não conhecia a tradição da pobreza e do desprendimento material da filosofia zen. Nesta época e durante toda a juventude, ela havia sido fervorosamente Católica (pertencera à Legião de Maria) e não deixou de associar o filósofo kínico grego a Jesus. Diógenes e Jesus estavam de acordo ao ironizarem o trabalho social que ia além do necessário e só servia para expandir o poder. Se as aves eram modelos de desprendimento para Jesus, os ratos serviam de modelo para Diógenes. “Os ratos não procuram refúgio, nem fogem à escuridão, nem mostram qualquer desejo daquilo a que se chama iguarias” (Diógenes Laércio, VI, p.22). Diógenes era certamente o filósofo mais filantropo da tradição popular, sensual, esotérico e plebeu. Foi quem introduziu na filosofia ocidental a aliança originária entre a felicidade, a ausência de necessidades e a inteligência. Ele é o legítimo fundador dos movimentos de *vita simplex* das civilizações europeias medievais. É um desses filósofos para o qual viver é mais importante do que escrever.

Supostamente o kinismo teve origem numa passagem da vida de Sócrates. Estando a passear pelo mercado de Atenas, este teria feito o comentário: “Vejam de quantas coisas precisa o ateniense para viver”. A frase de Sócrates era ao mesmo tempo uma constatação e uma crítica. Ele propunha que a busca interna da felicidade não devia passar pelas causas externas. O objetivo kínico era a conquista da virtude moral que só poderia ser alcançada se se eliminasse da vontade todo o supérfluo ou a centralidade no conforto e na vida exterior. Os kínicos (*kynikós*) defendiam o retorno à vida na natureza, errante e instintiva, como a dos cães. A natureza ofertava ao homem tudo aquilo que ele precisava para viver. A isto os kínicos chamavam de *autarkéia*, significado de “autarcia” (ou autarquia) que era a condição de auto-suficiência do sábio, a quem bastava ser virtuoso para ser feliz. Tudo aquilo que naturalmente não era dado ao homem pelo nascimento não podia servir de base para o *ethos* social ou a convivialidade. “Quem precisa de pouco adquire uma grande flexibilidade com o destino político, ainda que tenha de viver numa época

2 Ela se refere à matéria publicada em outubro de 1995 pelo editor Mario Sabino em que Orídes aparece como pessoa socialmente desajustada: ora atirando pedras na casa de Marilena Chauí, ora invadindo a casa de Antônio Cândido.

3 Seguimos aqui a distinção feita por Peter Sloterdijk (*Crítica da Razão Cínica*) entre kinismo (de origem grega, que defendia a busca da crítica via sátira e a independência pessoal) e o cinismo (contemporâneo, que se tornou sinônimo de pensamento tático e estratégico, com vistas a fins pré-determinados; um pensamento sem humor).

em que a política é o destino” (Sloterdijk, 2012, p. 224).

Não sabemos até que ponto as ideias kínicas de pobreza se impregnaram no espírito da jovem estudante de filosofia. Mas sabemos que pensamento e *autarkéia*; pobreza e inteligência; auto-suficiência e ética filosófica se unem na poesia de Orídes. Sabemos também que a poeta quase não possuía bens materiais. Relatos de amigos que conviveram com ela e visitaram seu apartamento na rua Dr. Cesário Mota Jr. na Vila Buarque, são claros: a poeta gostava do despojamento, da sensação de abertura e vazio que o lugar proporcionava. Havia um pequeno sofá, uma prateleira com alguns livros, a cadeira de balanço e a escrivaninha à janela, que anunciava o trabalho junto à contemplação. À mesa, a máquina de escrever, papéis brancos e canetas. Às vezes, o gato malhado deitava-se ali. Ao lado da mesa, no chão, o cesto de lixo repleto de papéis amassados. Na parede da sala havia um pôster pichado. Era a obra do artista plástico John Howard, que chegou ao Brasil fugindo do serviço militar americano e que traduziu alguns versos de Orídes para o inglês. Havia também um espelho redondo, do tamanho de uma calota, adornado em couro negro com motivos solares. Na sala não havia televisão ou toca discos, apenas o rádio se destacava na paisagem. Na pequena cozinha, um cesto de frutas com laranjas e bananas e um fogão. Não havia geladeira. Algumas panelas velhas, três pratos e potes de vidro em que guardava chá verde, pão e arroz integral, única coisa que cozinhava às vezes para si. Entre os utensílios, destacava-se o bule oriental, lembrança dos tempos zenbudistas, com o qual servia chá verde às visitas. No quarto, um guarda roupas grande e velho, que ela comprara de segunda mão e um tatame onde dormia.⁴

Na entrevista à *Marie Claire*, há uma passagem em que Orídes não restringia a noção de penúria apenas à sua condição. Ela é uma condição da cultura.

MC – Você, uma das grandes poetisas do Brasil, vive no desamparo. O Estado tem o dever de amparar os poetisas?

OF – O Estado tem o dever de amparar não só os poetisas, mas a Cultura toda. O governo não está dando nada para o social

⁴ Descrição realizada a partir do relato de pessoas que frequentavam o apartamento da poeta na rua Dr. Cesário Mota Jr., 565, apto. 66, na Vila Buarque.

nem para a cultura. No Brasil, poesia é questão de status. O cara fazia um soneto e tinha status. Sempre se partia do princípio de que já era rico. Olha, pobre chegar a realização mais alta, são poucos os casos, como o poeta Cruz e Souza (1861-1828), o romancista Lima Barreto (1881-1922). Poucos chegaram e com muita dificuldade.

Ela fazia questão de não ofertar o “saldo do Brás Cubas”: não transmitir a ninguém a herança da nossa miséria. Dizia que se tivesse casado, assumiria, claro, os filhos, mas havia sido melhor assim: nenhuma geração merecia ser condenada à miséria. Dizia que, para a velhice, gostaria apenas de conseguir uma casa, “um cantinho”.

Pelo menos não quero morrer com a aposentadoria desgraçada que ganho agora. No final dos anos oitenta, o Antônio Cândido me arrumou uma bolsa, economizei muito, mas veio o Plano Collor e levou todas as minhas economias. A vida de pobre no Brasil não é fácil. E de mulher pobre é ainda pior. E olhe que ainda tive muita sorte. Ainda tenho os meus livros de poesia. E se não os tivesse, como seria? A solidão e a desocupação só dão em confusão. (FONTELA apud MEDEIROS, 1996, p.4)

A poeta lança-se no aberto e o aberto é também o desamparo. Não podemos dizer que a pobreza no sentido do *ser-que-carece* sustenta-se somente no desamparo. Neste trecho, Orídes reconhece que a condição de “pobre e mulher” é ainda pior. Esta condição implica desafio, riscos e impossibilidades. Ao arriscar-se ela flerta com o desamparo que é, por sua vez, o desalojar. Os homens fogem do desamparo em seu co-existir, é por isso que, quando falamos, em comunicação social, do princípio *com*⁵, o fundamento do acompanhar, falamos também no alojar. O *ser-que-carece-de* cuidado, companhia e alojamento já é, em si, conscientemente ou não, aquele que procura por um caminho que não seja o do risco, do isolamento, da confusão e do desamparo. Os poetisas e filósofos que escolheram como

⁵ Cf. CASTRO, Gustavo de. **Filosofia da Comunicação**. Brasília: ed. Casa das Musas, 2005. O “princípio com” é uma forma de compreensão contemporânea da comunicação. “Com” = “syn”, raiz conectora; “essu”, princípio dinâmico, caótico e movimentador da *physis*. Tenho apresentado em diversos encontros e publicações a noção de comunicação como fluxo da abertura, do acompanhar e do risco.

caminho a pobreza, como Antonio Porchia (1886-1968) e Diógenes de Sínope, não a amaldiçoam, antes aprendem com seu *ethos*. Encontraram no desamparo do aberto, a potência, a liberdade e a possibilidade, o que equivale a dizer: a criatividade da criação. No livro *Rosácea*, de 1986, Orides publicou um pequeno poema, intitulado *Herança*, em que lista os “bens” materiais que havia herdado de seus familiares:

*Da avó materna
uma toalha (de batismo)*

*Do pai:
um martelo
um alicate
uma torquês
duas flautas.*

*Da mãe:
um pilão
um caldeirão
um lenço.*

A lista dos ‘bens’ registra também a ocupação de cada um de seus familiares. A avó paterna, Edvina Fontela, de quem ela recebe a “toalha (de batismo)” tivera onze filhos, um dos quais era o pai da poeta, Álvaro Fontela, que trabalhava como plainador em uma oficina de marcenaria. O pai lhe deixara um “alicate”, uma “torquês” e “duas flautas”. Álvaro Fontela é uma das presenças importantes na formação da poeta, justamente porque sabe transcender a condição social em condição poética. Esta capacidade demiurga fascina a poeta. Significava que a pobreza extrema não era impedimento para a felicidade e a inteligência. Era possível ser pobre e feliz. A raiz desta felicidade subversiva e desavergonhada estava, entre outras coisas, segundo a poeta, na capacidade narratológica do pai, que era um mestre da oralidade. Todos os dias, ele contava uma história inventada diferente para a filha, sempre recriando começos e fins. Ele transportava personagens do presente para o passado que ao chegarem lá inventavam a luz elétrica ou o contrário, e trazia personagens do passado para o presente, que ficavam fascinados com aparelhos de rádios, carros e aviões. A capacidade de construir peripécias era

marcante na personalidade de Álvaro Fontela. Ele também levava a filha para caçar borboletas, pescar e ir ao cinema. Como marceneiro habilidoso, fazia entalhes sofisticados nas mesas, cadeiras e guarda-roupas e, além disso, construía e tocava flauta doce, instrumento que legou para a filha após sua morte. Da mãe, Laurinda Teixeira Fontela, dona de casa, que morreu quando Orides tinha 24 anos, ela “herdou” o pilão, o caldeirão e o lenço. Entre amigos, quando lhe perguntavam sobre este poema ou ocorria dela recitá-lo em alguma ocasião, Orides não deixava de tecer um comentário final e francamente aterrador: “Agora também tudo isto se perdeu. Já não existe toalha, alicate, flauta, caldeirão ou lenço. Só restou a poesia!”⁶ A poesia parecia ser o seu único bem realmente valioso, mas a pobreza também não a envergonhava, como assinalou na entrevista para *O Estado de S. Paulo*:

A poesia e a pobreza foi o que a mim me coube.

Considerações finais

Em 2012, realizamos um levantamento das ocorrências semânticas a partir dos termos “poesia” e “poeta” no jornal *Correio Brasileiro* entre os anos de 2001-2010. As menções (notícias, notas, entrevistas) estão ligadas a lançamentos de livros ou de abordagens de gênero no campo da literatura e do cinema. A poesia não é um tema que interessa à mídia. Especialmente a mídia que visa lucro. O que demonstra também certa incapacidade de lidar com o tema e de “lucrar” com ele. As condições biográficas do poeta tornam-se atrativas, *fait divers*, sua obra ou o tratamento artístico da obra, não é relevante. O motivo da atenção às condições biográficas está no cerne de um paradigma da imprensa: os “personagens”. Estas são figuras icônicas sacralizadas na narrativa jornalística. A dificuldade do jornalista em operar com os versos ou com a obra artística relaciona-se também à sua embriaguez de realidade e ao fato de não estar preparado para costurar a crítica à intuição sensível.

6 Depoimento dado pelo poeta Donizete Galvão, a 10 de outubro de 2010. Um dos motivos da perda de sua “herança” foram os dois incêndios em seu apartamento em que a poeta perdeu tudo inclusive as cartas enviadas a ela por Carlos Drummond de Andrade e José Paulo Paes.

Pouco afeito à realidade do sonho e do idílico, funcionando na lógica do discurso econômico, todo ele permeado pelos vórtices do consumo e do ganho real, o jornalismo revela sua incapacidade e ignorância em avançar sua agenda. A insipiente pauta dos temas estéticos demonstra também propriamente uma incapacidade da imprensa na percepção da beleza em nossa sociedade. Costumeiramente preocupada com a feiura ou com temas relacionados a esta categoria estética (o estranho, o fora do comum, *fait-divers*, catástrofes, abusos, tragédias, corrupção, sensacionalismos, etc), o jornalismo mostra-nos, historicamente, sua dificuldade em abordar o sensível. O tema do “fantástico” já foi explorado por Motta⁷ (2006) em seus desdobramentos jornalísticos e sabemos que a abordagem do sensível está ligada, muitas vezes, ao universo da imprensa feminina. O tratamento que *Marie Claire*, periódico dito feminino, oferece à Ordes acentua o peculiar, o folclórico e o pitoresco. Temas do grotesco como sabemos. Relacionamos isto ao fato-estético que consideramos da mais alta importância: o grotesco é central como valor-notícia e domina o imaginário da mídia.⁸

Queremos destacar aqui, no caso Ordes Fontela, que a imprensa parece se importar mais com a pobreza da poeta do que sua poesia, o que sugere anacronismo em termos literários, mas não em termos de valor-notícia. Ao jornalista interessa a história de vida tanto quanto a obra construída. O que não pode ocorrer é desrespeito como no caso da *Marie Claire*. Vida-e-obra não se separam, mas se articulam e mantêm níveis maiores ou menores de intercâmbio. Em termos jornalísticos as histórias de vida são facilmente narráveis enquanto que a interpretação dos poemas requer habilidade para a qual os jornalistas não foram nem estão preparados. A separação (vida-e-obra) é um dos motivos que afasta e impede a conversação entre o jornalismo e a literatura. Ordes Fontela, assim como outros poetas, têm percepção desta ‘desimportância’ e tentam chamar a atenção da agenda jornalística pelo recurso dos lançamentos de

livros, como vimos em nosso levantamento. Outra poeta que teve esta percepção foi Hilda Hilst para quem “a imprensa caga para os poetas”. Ordes Fontela não foi vítima apenas da pobreza, mas também desta incapacidade da mídia de perceber além do personagem. Seus poemas, assim como os de qualquer outro poeta, são ampliações da realidade, modos de dizê-la e de encará-la que o jornalista, sempre pouco afeito (e desconhecedor do poético), prefere ignorar.

Referências

- CASTELLO, José. Ordes Fontela resiste à sofisticação da poesia. In: **O Estado de São Paulo**. 01 de junho de 1996.
- CASTRO, Gustavo de.: “Jornalismo literário e de poesia”. In: Porto, S. D.; Mouillaud, M. **O jornal - da forma ao sentido**. Brasília. Ed. UnB. 2012. P.777.
- _____. **Filosofia da Comunicação**. Brasília: Casa das Musas, 2005.
- FELINTO, Marilene - **O avesso do verso-Entrevista: Ordes Fontela** in: Revista Marie Claire, Setembro de 1996.
- FONTELA, Ordes. **Transposição**. Instituto de Cultura Hispânica da USP, 1969.
- _____. **Helianto**. Duas Cidades, 1973.
- _____. **Alba** – Roswitha Kempf Editores, 1983.
- _____. **Rosácea**. Roswitha Kempf Editores, 1986.
- _____. **Trevo**. (Claro Enigma) Duas Cidades, 1988.
- _____. **Teia**. Geração Editorial, 1996.
- _____. **Poesia Reunida**. São Paulo: CosacNaif, 2006.
- GRAMMOND, Helena. Poetisa Ordes Fontela com valor reconhecido pelos críticos e que vive com uma pequena aposentadoria em São Paulo. **Programa Fantástico**. TV Globo. 3’50. 05/05/1996.
- HILST, Hilda. Entrevista de Hilda Hilst a Zeca Baleiro. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fcV6tABMw3k> Acessado em: 14/04/2013.
- LAÉRCIO, D. **Vida dos Filósofos**. Madrid: Omega, 1999.
- MASSI, Augusto. “Poesia, sexo, destino: Ordes Fontela in **Leia livros**, SP, 23 de janeiro de 1989.
- _____. (Org.) “Nas trilhas do trevo”. In **Artes e Ofícios da Poesia**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura/Ed. Artes e Ofícios, 1991.
- MARQUES, Ivan. Ordes – a um passo do pássaro, direção Ivan Marques, SP, TV Cultura, maio de 2000.

7 MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

8 Outra representação forte no imaginário da mídia é a de pirâmide invertida: simbologia naturalmente feminina, normativa do poder informacional, em que eleva “o mais importante” ou o “fundamental” à base-topo. O tema da pirâmide invertida também remete ao sul, ao divergente e contraditório, se analisado na relação simbólico/diabólico.

MEDEIROS, Jotabê – Orides Fontela combate despejo com sua poesia in **O Estado de São Paulo**, 12 de abril de 1996.

MOTTA, Luis Gonzaga. Notícias do Fantástico. São Leopoldo: Unisinos: 2006.

SABINO, Mário. Métrica da Solidão. Revista **Veja**. Outubro de 1995

SLOTERDIJK, P. **Crítica da razão cínica**. Lisboa: Relógio D'água, 2011.

Outras publicações do autor

CASTRO, Gustavo de. **Comunicação e Transcendência**. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. (Org.) **Mídia e Imaginário**. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. **O livro eleva a potência do abismo**. In: SILVA, Marcos. Viva Luiz Damasceno. Natal: EDUFRN, 2013.

_____. **Jornalismo literário e de poesia**. In: Maurice Mouillaud; Sergio Dayrell Porto. (Org.). O Jornal: da forma ao sentido. 3ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

_____. **Poesia e mídia no Brasil: aproximações**. Poéticas da Mídias: Midiatizações, Discursividades, Imagens. 1ed. Goiânia: UFG, 2012.

ELEMENTOS DE INTERTEXTUALIDADE NA PROSA FICCIONAL DE GLAUCO MATTOSO

Intertextuality elements in Glauco Mattoso's fictional prose

Elementos de intertextualidade en la prosa ficcional de Glauco Mattoso

Wilton Barroso Filho

Doutor em Epistemologia pela Universidade de Paris VII, Professor Associado, Universidade de Brasília, Departamento de Filosofia e Programa de Pós-graduação em Literatura.

E-mail: wbf@unb.br

Ana Paula Aparecida Caixeta

Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. É mestre, também em Literatura (UnB). Graduada em Letras (ICSH/CESB) e Artes Plásticas (UnB).

E-mail: caixetaanapaula@yahoo.com.br

RESUMO

Apresentamos, neste texto, elementos sobre a intertextualidade que presente na prosa ficcional de Glauco Mattoso. Convencidos de que o diálogo de textos é algo recorrente em suas produções, seja em prosa ou em verso, nos foi possível levantar indícios de como as relações intertextuais sustentam o discurso sexual adotado por Mattoso e, por conseguinte, como o intertexto solidifica e ampara o projeto estético desse escritor, fornecendo-lhe credibilidade junto ao leitor.

Palavras-chave: intertextualidade; Glauco Mattoso; discurso sexual; credibilidade.

ABSTRACT

We present, in this text, elements on the intertextuality present in Glauco Mattoso's fictional prose. Convinced that the dialog of texts is something recurrent in his productions, be them in prose or in verse, it was not possible to raise evidences of how the intertextual relations sustain the sexual speech adopted by Mattoso and, thus, of how the intertext solidifies and supports the esthetical project of this writer, granting him credibility to the reader.

Keywords: intertextuality; Glauco Mattoso; sexual speech; credibility.

RESUMEN

Presentamos, en este texto, elementos sobre la intertextualidade que presente en la prosa ficcional de Glauco Mattoso. Engreidos de que el diálogo de textos es algo recorrente en sus producciones, sea en prosa o en verso, nos fue posible levantar indicios de como las relaciones intertextuais sostienen el discurso sexual adoptado por Mattoso y, así pues, como el intertexto solidifica y ampara el proyecto estético de ese escritor, suministrándole credibilidad junto al lector.

Palabras clave: intertextualidad, Glauco Mattoso, discurso sexual, credibilidad.